

# Elon Musk por Walter Isaacson



ELON MUSK

WALTER  
ISAACSON

TRADUÇÃO DE ROGERIO W. GALINDO  
E ROSIANE CORREIA DE FREITAS



Copyright © 2023 by Walter Isaacson

TÍTULO ORIGINAL  
*Elon Musk*

COPIDESQUE  
João Sette Câmara

REVISÃO  
Eduardo Carneiro  
Theo Araújo

REVISÃO TÉCNICA  
Thássius Veloso

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO, DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

FOTOS DE CAPA  
Frente: Art Streiber / AUGUST  
Quarta capa: cortesia da @SpaceX

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I73e

Isaacson, Walter, 1952-  
Elon Musk / Walter Isaacson ; tradução Rogerio W. Galindo, Rosiane Correia de Freitas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
656 p. ; 23 cm.

Tradução de: Elon Musk  
Inclui índice  
ISBN 978-65-5560-645-4

1. Musk, Elon, 1971-. 2. Empresários - Estados Unidos - Biografia.  
I. Galindo, Rogerio W. II. Freitas, Rosiane Correia de. III. Título.

23-85542

CDD: 658.40092

CDU: 929:658



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
Editora Intrínseca Ltda.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 – Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro - RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

“A quem quer que eu tenha ofendido, só quero dizer que reinventei os carros elétricos e estou enviando pessoas a Marte num foguete espacial. Você acha que eu seria um cara tranquilo, normal?”

— Elon Musk, *Saturday Night Live*, 8 de maio de 2021

“As pessoas que são loucas o suficiente para achar que podem mudar o mundo são as que de fato o mudam.”

— Steve Jobs

PRÓLOGO

# Musa de fogo



## O PARQUINHO

Em sua infância na África do Sul, Elon Musk conheceu a dor e aprendeu a resistir a ela.

Aos 12 anos, foi levado de ônibus para um acampamento de sobrevivência na selva conhecido como *veldskool*. “Era um *Senhor das Moscas* paramilitar”, lembra ele. Cada criança recebia pequenas rações de comida e água, e todas tinham permissão para lutar por elas — na verdade, eram até incentivadas a isso. “O bullying era considerado uma virtude”, diz o irmão mais novo de Elon, Kimbal. Os meninos maiores logo aprenderam a socar os menores no rosto e pegar as coisas deles. Elon, que era pequeno e inábil emocionalmente, foi espancado duas vezes. Acabaria perdendo cinco quilos.

Perto do fim da primeira semana, os meninos foram divididos em dois grupos e receberam ordens de se atacar. “Foi insano, inimaginável”, lembra Musk. De tempos em tempos, algum dos meninos morria. Os monitores usavam essas histórias como alertas. “Não seja imbecil como o que morreu ano passado”, diziam. “Não seja um imbecil fracote.”

Na segunda vez que Elon foi para o *veldskool*, estava prestes a fazer 16 anos. Ele tinha crescido muito, espichara para quase 1,80 metro de altura, com o corpo feito o de um urso, e aprendera um pouco de judô. Dessa vez, o *veldskool* não foi tão ruim. “Percebi então que, se alguém me enchesse o saco, eu podia dar um soco forte no nariz do cara, e aí não me incomodavam mais. Eles podiam me encher de pancada, mas, se eu acertasse um soco forte neles, não viriam mais atrás de mim.”

A África do Sul dos anos 1980 era um lugar violento, onde ataques com metralhadoras e esfaqueamentos eram comuns. Certa vez, Elon e Kimbal saíram de um trem a caminho de um show contra o *apartheid* e tiveram que desviar de uma poça de sangue ao lado de um cadáver com uma faca enfiaada na cabeça. Pelo resto da noite, o sangue seco na sola dos tênis deles fez barulho sempre que pisavam no chão.

A família Musk tinha pastores-alemães treinados para atacar qualquer um que passasse perto da casa. Aos 6 anos, Elon estava correndo pela entrada de carros e seu cachorro favorito o atacou, dando uma enorme mordida em suas costas. No pronto-socorro, quando estavam se preparando para dar os pontos, ele recusou o tratamento até que prometessem que o cachorro não seria castigado. “Vocês não vão matar o cachorro, vão?”, perguntou Elon. Eles juraram que não matariam. Ao lembrar a história,

Musk se detém e olha para o nada por muito tempo. “Mas eles acabaram matando o cachorro a tiros.”

As experiências mais marcantes da vida dele aconteceram na escola. Por muito tempo, Elon foi o menor e o mais novo da turma. Ele tinha dificuldade em entender sinais sociais. A empatia não era algo natural, e ele não tinha o desejo, nem o instinto, de tentar agradar. Como resultado, era regularmente açoitado por valentões, que se aproximavam e davam socos no rosto dele. “Se você nunca levou um soco no nariz, não tem ideia de como isso te afeta pelo resto da vida”, diz.

Certa manhã, quando todos os alunos estavam reunidos, um garoto que brincava com um grupo de amigos esbarrou nele. Elon reagiu empurrando o sujeito. Houve uma discussão. O menino e os amigos dele foram atrás de Elon no intervalo e o encontraram comendo um sanduíche. Eles se aproximaram por trás, deram-lhe um chute na cabeça e o derrubaram escada abaixo. “Eles sentaram em cima do Elon e simplesmente continuaram batendo e chutando a cabeça dele”, diz Kimbal, que estava sentado junto ao irmão. “Quando terminaram, não dava para reconhecê-lo. O rosto era uma bola de carne tão inchada que quase não dava para ver os olhos.” Ele foi levado para o hospital e ficou uma semana sem ir à escola. Décadas depois desse episódio, ele ainda se submeteria a cirurgias corretivas para tentar consertar o nariz.

Aquelas cicatrizes, contudo, eram pequenas comparadas às cicatrizes emocionais deixadas pelo pai, Errol Musk, um engenheiro carismático, sonhador e trapaceiro que até hoje atormenta Elon. Depois da briga na escola, Errol deu razão ao menino que acabou com o rosto do filho. “O menino tinha acabado de perder o pai, que se suicidara, e Elon chamou o garoto de burro”, diz Errol. “Elon tinha o hábito de chamar as pessoas de burras. Como eu podia culpar aquela criança?”

Quando Elon finalmente recebeu alta e foi para casa, o pai o repreendeu. “Tive que ficar em pé por uma hora enquanto ele gritava comigo, me chamava de idiota e dizia que eu era um inútil”, recorda Elon. Kimbal, que testemunhou a bronca, diz que é a pior lembrança de sua vida. “Meu pai simplesmente perdeu o controle, surtou, como frequentemente fazia. Ele não tinha compaixão.”

Tanto Elon quanto Kimbal, que não fala mais com o pai, dizem que a alegação de Errol de que Elon teve culpa na agressão é absurda, e que o agressor acabou sendo enviado para um centro de detenção juvenil por aquilo. Eles dizem que o pai é um mentiroso instável, que frequentemente

conta histórias fantasiosas, às vezes mentiras calculadas e outras, delirantes. Uma natureza meio *O Médico e o Monstro*, segundo os dois. Em dado momento, era simpático; no instante seguinte, começava uma série interminável de insultos. Errol encerrava todas as agressões dizendo que Elon era patético. Elon tinha que ficar parado ouvindo, sem permissão para sair. “Era tortura psicológica”, diz Elon, que fica em silêncio por muito tempo e se emociona um pouco. “Ele sabia perfeitamente como tornar tudo terrível.”

No dia em que liguei para Errol, ele conversou comigo por quase três horas. Depois passou a ligar para mim com frequência e a mandar mensagens de texto pelos dois anos seguintes. Estava ansioso para descrever — com direito a fotos — as coisas boas que dera aos filhos, pelo menos na época em que os negócios envolvendo engenharia iam bem. Houve uma época em que ele dirigiu um Rolls-Royce, construiu uma cabana na mata para os meninos e comprou esmeraldas brutas do proprietário de uma mina na Zâmbia, até que o negócio faliu.

No entanto, Errol admite que incentivava uma dureza física e emocional. “A vida deles comigo fazia o *veldskool* parecer bem tranquilo”, diz ele, acrescentando que aquela violência era parte da experiência educativa na África do Sul. “Dois seguravam você no chão enquanto outro batia na sua cara, esse tipo de coisa. Quando trocavam de escola, os meninos novos eram forçados a brigar com o valentão no primeiro dia de aula.” Ele admite com orgulho que impunha “uma autocracia urbana extremamente severa” aos meninos. Em seguida, faz questão de acrescentar que “anos depois Elon iria aplicar a mesma autocracia consigo mesmo e com os outros”.

## “A ADVERSIDADE ME MOLDOU”

“Alguém disse que todo homem tenta dar conta das expectativas do pai ou corrigir os erros dele”, escreveu Barack Obama em seu livro de memórias, “e acho que isso pode explicar o que eu vivi”. No caso de Elon Musk, o impacto do pai na psique dele ia durar muito tempo, apesar das muitas tentativas de expulsá-lo, tanto física quanto psicologicamente. Seus humores alternavam ciclos que incluíam bons e maus momentos, passando pelo modo intenso e engraçado, distante e emotivo, com mergulhos ocasionais naquilo que os mais próximos temiam e chamavam de “modo demoníaco”. Diferentemente do pai, Elon era atencioso com os filhos, mas, em outros aspectos, seu com-

portamento flertava com um perigo que precisava ser constantemente combatido: o fantasma de que, como resume sua mãe, “ele poderia se tornar igual ao pai”. Esse é um dos temas mais recorrentes na mitologia. Até que ponto a saga do herói de *Star Wars* exige que se exorcizem demônios legados por Darth Vader e se lute contra o lado sombrio da Força?

“Com uma infância como a que ele teve na África do Sul, acho que é preciso se fechar emocionalmente um pouco”, diz a primeira esposa, Justine, mãe de cinco dos dez filhos vivos de Elon. “Se seu pai está sempre te chamando de débil mental e idiota, talvez a única resposta seja desligar dentro de si tudo que possa abrir uma dimensão emocional com a qual não se tem capacidade de lidar.” Essa válvula interruptora de emoções podia torná-lo insensível, mas também fez dele um inovador sem medo de riscos. “Ele aprendeu a calar o medo”, diz ela. “Se você cala o medo, talvez tenha que calar outras coisas também, como a alegria e a empatia.”

O transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) da infância também inculcou em Elon uma aversão ao contentamento. “Acho que ele não sabe desfrutar o sucesso e sentir o perfume das flores”, comenta Claire Boucher, a artista conhecida como Grimes, mãe de três dos outros filhos dele. “Acho que ele aprendeu na infância que a vida é dor.” Musk concorda. “A adversidade me moldou”, diz. “Minha resistência à dor é bem alta.”

Durante um período particularmente infernal de sua vida, em 2008, depois que os três primeiros lançamentos dos foguetes SpaceX explodiram e a Tesla estava prestes a falir, Musk acordava se debatendo e contava a Talulah Riley, que se tornou sua segunda esposa, as coisas horríveis que o pai lhe dissera. “Eu o ouvia pronunciar aquelas frases”, conta ela. “Isso teve um efeito profundo no modo como Elon vive.” Quando ele recordava esses momentos, desligava-se e desaparecia por trás dos olhos cor de aço. “Acho que ele não tinha consciência de quanto isso ainda o afetava, porque pensava que era algo que ficara na infância”, diz Riley. “Mas ele manteve um lado infantil, quase intocado. No âmago, ele ainda é uma criança, uma criança diante do pai.”

Desse caldeirão, Musk desenvolveu uma aura que às vezes o faz parecer um alienígena, como se sua missão de chegar a Marte fosse um desejo de voltar para casa e sua aspiração de construir robôs humanoides fosse uma busca por pertencimento. Não seria surpresa para ninguém se ele tirasse a camiseta e mostrasse que não tem umbigo e não é terráqueo. Contudo, a infância dele também o fez humano demais, um menino bravo mas vulnerável que decide embarcar em aventuras épicas.

Musk desenvolveu um fervor que disfarça o jeito pateta e um jeito pateta que disfarça o fervor. Pouco à vontade no próprio corpo, como um homem grande e forte que nunca foi atleta, ele anda com os passos largos de um urso obstinado e dança com movimentos que parecem ensinados por um robô. Com a convicção de um profeta, ele fala sobre a necessidade de nutrir a chama da consciência humana, sondar o Universo e salvar nosso planeta. A princípio, achei que fosse só encenação, discursos motivadores para a equipe e fantasias de podcast de uma criança crescida que já leu *O guia do mochileiro das galáxias* mais vezes do que deveria. Entretanto, quanto mais eu o conhecia, mais acreditava que o sentimento de missão que ele tem é parte daquilo que o motiva. Enquanto outros empreendedores lutam para desenvolver uma visão de mundo, Musk procurou desenvolver uma visão do cosmos.

A ascendência e a origem, assim como a maneira de ele pensar, tornaram-no uma pessoa por vezes insensível e impulsiva. Também incutiram nele uma alta tolerância ao perigo. Ele calcula riscos friamente e os aceita de modo febril. “Elon gosta do risco pelo risco”, diz Peter Thiel, que se tornou sócio dele no início da PayPal. “Ele parece curtir, às vezes até parece viciado.”

Elon se tornou uma dessas pessoas que se sentem mais vivas quando um furacão está chegando. “Nasci para a tempestade, e tempo bom não combina comigo”, dizia Andrew Jackson. O mesmo vale para Musk, que desenvolveu uma mentalidade paranoica a qual incluía uma atração, às vezes um desejo, pela tempestade e pelo drama, tanto no trabalho quanto nos relacionamentos amorosos que lutava para manter, sem sucesso. Musk se sobressai quando há crises, prazos e sobrecargas intensas no trabalho. Quando enfrentava desafios complexos, o esforço frequentemente o mantinha acordado à noite e o fazia vomitar. Isso, contudo, também o energizava. “Ele atrai drama”, diz Kimbal. “É a compulsão dele, o tema da vida dele.”

Quando eu estava escrevendo sobre Steve Jobs, seu sócio, Steve Wozniak, disse que a grande pergunta era: “Ele de fato tinha que ser tão mau assim? Tão duro e insensível? Tão viciado em drama?” Quando fiz a mesma pergunta para Woz no fim da minha pesquisa, ele disse que, se comandasse a Apple, teria sido mais gentil. Teria tratado todo mundo como uma família e não demitiria sumariamente as pessoas. Em seguida, parou e acrescentou: “Mas, se eu comandasse a Apple, talvez a gente nunca tivesse feito o Macintosh.” Portanto, a pergunta sobre Elon Musk é: poderia ele ser mais

tranquilo e ainda ser a pessoa que está nos levando a Marte e a um futuro com veículos elétricos?

No início de 2022 — depois de um ano marcado pelo 31º lançamento bem-sucedido de foguetes da SpaceX, com a Tesla vendendo quase 1 milhão de carros e ele se tornando o homem mais rico do planeta —, Musk falou pesadamente sobre sua compulsão por drama. “Preciso mudar minha mentalidade e sair do modo crise”, disse ele, “no qual estou há pelo menos catorze anos, ou por quase a maior parte da minha vida”.

Era um comentário melancólico, não uma resolução de Ano-Novo. Mesmo enquanto fazia essa promessa, Musk estava secretamente comprando ações do Twitter, o principal parquinho do mundo. Naquele mês de abril, viajou discretamente para o Havaí, onde ficou na casa de seu mentor, Larry Ellison, fundador da Oracle, acompanhado pela atriz Natasha Bassett, uma namorada da época. Ofereceram a Musk um assento no conselho do Twitter, mas durante o fim de semana ele concluiu que não bastava. É da natureza dele querer ter controle total. Então, decidiu que iria fazer uma oferta agressiva de compra direta da empresa. Ele voou até Vancouver para se encontrar com Grimes. Lá, ficou acordado com ela até as cinco da manhã jogando *Elden Ring*, um jogo de guerra e império. Logo após terminar, pôs o plano em ação e entrou no Twitter. “Fiz uma oferta”, anunciou.

Durante anos, sempre que estava em um momento difícil ou se sentia ameaçado, Musk lembrava os horrores do bullying que sofreu na infância. Agora ele tinha a oportunidade de se tornar o dono do parquinho.

# Aventureiros



Winnifred e Joshua Haldeman (no alto, à esquerda); Errol, Maye, Elon, Tosca e Kimbal Musk (abaixo, à esquerda); Cora e Walter Musk (à direita)

## JOSHUA E WINNIFRED HALDEMAN

A atração de Elon Musk por risco é um traço de família. Nesse sentido, ele puxou ao avô materno, Joshua Haldeman, um aventureiro audacioso e genioso criado numa fazenda nas planícies estéreis do Canadá central. Haldeman estudou técnicas de quiroprática no Iowa e depois voltou para a sua cidade natal, perto de Moose Jaw, onde domava cavalos e fazia sessões de quiroprática em troca de comida e alojamento.

Mais tarde, Haldeman conseguiu comprar uma fazenda, mas a perdeu durante a Depressão, nos anos 1930. Ao longo dos anos seguintes, ele trabalhou como caubói, peão de rodeio e peão de obra. A única coisa constante em sua vida era o amor pela aventura. Ele se casou e se divorciou, e viajou clandestinamente em trens de carga e num transatlântico.

A perda da fazenda instigou em Haldeman um certo populismo, e ele passou a participar de um movimento conhecido como Partido do Crédito Social, que defendia dar aos cidadãos cartas de crédito gratuitas que poderiam ser usadas como dinheiro. O movimento tinha uma base conservadora e fundamentalista, com toques de antissemitismo. O primeiro líder da organização no Canadá denunciava uma “perversão de ideais culturais”, porque “um número desproporcional de judeus ocupava posições de autoridade”. Haldeman chegou a ser presidente do conselho nacional do partido.

Ele também se filiou a um movimento chamado de Tecnocracia, o qual acreditava que o governo deveria ser comandado por tecnocratas em vez de políticos. O movimento foi temporariamente banido no Canadá por causa da oposição que fazia à entrada do país na Segunda Guerra Mundial. Haldeman desafiou a proibição ao publicar no jornal um anúncio de apoio ao movimento.

A certa altura, ele quis aprender dança de salão, e foi assim que conheceu Winnifred Fletcher, cujo ímpeto aventureiro era semelhante ao dele. Aos 16 anos, ela conseguiu um emprego no *Times Herald* de Moose Jaw, mas sonhava em ser dançarina e atriz. Por isso, foi de trem para Chicago e depois para Nova York. Ao voltar, abriu uma escola de dança em Moose Jaw, onde Haldeman apareceu para ter aulas. Quando ele a convidou para jantar, Winnifred disse: “Não saio com meus clientes.” Então, ele desistiu da aula e a convidou novamente. Alguns meses depois, ele perguntou: “Quando você vai casar comigo?” Ela respondeu: “Amanhã.”

Eles tiveram quatro filhos, entre os quais meninas gêmeas, Maye e Kaye, nascidas em 1948. Certo dia, os dois estavam em viagem quando

ele viu uma placa de VENDE-SE em um avião monomotor Luscombe que estava no campo de um agricultor. Ele não tinha dinheiro, mas convenceu o fazendeiro a aceitar o carro como pagamento. Foi uma decisão muito impetuosa, uma vez que Haldeman não sabia pilotar avião. Ele contratou alguém para levá-lo de avião para casa e ensiná-lo a pilotar.

A família passou a ser conhecida como os Haldeman Voadores, e ele foi descrito por um jornal de quiroprática como “talvez o personagem mais famoso na história dos quiropráticos voadores”, um elogio muito tacanho, mas preciso. Eles compraram um avião monomotor maior, um Bellanca, quando Maye e Kaye tinham 3 meses, e as crianças ficaram conhecidas como as “gêmeas voadoras”.

Com opiniões estranhas, conservadoras e populistas, Haldeman passou a acreditar que o governo canadense estava controlando demais a vida dos indivíduos e que o país se acovardara. Em 1950, ele decidiu se mudar para a África do Sul, que ainda vivia sob o regime do *apartheid*. Eles desmontaram o Bellanca, guardaram-no em caixas e embarcaram em um cargueiro rumo à Cidade do Cabo. Haldeman decidiu que queria viver no interior, de modo que eles seguiram para Joanesburgo, onde a maioria dos cidadãos brancos falava inglês em vez de africâner. Entretanto, enquanto sobrevoavam uma região próxima a Pretória [atual Tshwane], as flores lilás dos jacarandás haviam desabrochado, e Haldeman anunciou: “Vamos ficar aqui.”

Quando Joshua e Winnifred eram jovens, um charlatão chamado William Hunt, conhecido (segundo o próprio dizia) como “Grande Farini”, apareceu em Moose Jaw e contou histórias sobre uma “cidade perdida” antiga que tinha visto quando cruzou o deserto do Kalahari, na África do Sul. “Esse mentiroso mostrou fotos que eram obviamente falsas, mas meu avô acreditou e decidiu que era missão dele descobrir a cidade”, diz Musk. Depois que chegaram à África, os Haldeman faziam anualmente uma expedição de um mês pelo deserto do Kalahari para procurar essa cidade lendária. Eles caçavam a própria comida e dormiam armados para se defender dos leões.

A família adotou um lema: “Viva perigosamente... com cautela.” Eles embarcavam em voos de longa distância para lugares como a Noruega, empataram em primeiro lugar num rali de 20 mil quilômetros da Cidade do Cabo até Argel e se tornaram os primeiros a voar com um monomotor da África para a Austrália. “Eles tiveram que tirar os bancos para colocar os tanques de combustível”, relembra Maye.

A vida de riscos de Joshua Haldeman por fim cobrou um preço. Ele morreu quando uma pessoa a quem estava ensinando a voar acertou um fio

de alta-tensão, o que fez com que o avião se desgovernasse e caísse. O neto Elon tinha 3 anos na época. “Ele sabia que aventuras reais têm riscos”, diz. “O risco o motivava.”

Haldeman instigou esse espírito em uma das filhas gêmeas, a mãe de Elon, Maye. “Sei que posso assumir um risco desde que esteja preparada”, afirma ela. Quando estudante, Maye se saía bem em ciências e matemática. Também era linda. Alta e de olhos azuis, com maçãs do rosto salientes e o queixo esculpido, ela começou a trabalhar aos 15 anos como modelo, fazendo desfiles de moda em lojas de departamentos nas manhãs de sábado.

Nessa época, Maye conheceu um menino na vizinhança que também era muito bonito, embora agisse de maneira ardilosa e bruta.

## ERROL MUSK

Errol Musk era um aventureiro e negociante, sempre em busca da próxima oportunidade. A mãe, Cora, era inglesa, havia concluído a escola aos 14 anos, trabalhara em uma fábrica na qual fazia revestimentos para bombardeiros e, passado um tempo, resolvera embarcar num navio de refugiados para a África do Sul. Lá, conheceu Walter Musk, um criptógrafo e oficial da inteligência militar que trabalhava no Egito em planos para enganar os alemães usando armas falsas e canhões de luz. Depois da guerra, ele praticamente não fazia nada além de ficar sentado em silêncio numa poltrona, bebendo e usando suas habilidades de criptografia para completar palavras cruzadas. Então, Cora o deixou, voltou para a Inglaterra com os dois filhos, comprou um Buick e retornou a Pretória. “Era a pessoa mais forte que já conheci”, diz Errol.

Errol se formou em engenharia e trabalhou na construção de hotéis, shopping centers e fábricas. No tempo livre, gostava de restaurar carros antigos e aviões. Também se envolveu em política, derrotou um membro africâner do Partido Nacional, pró-*apartheid*, e se tornou um dos poucos membros anglófonos da Câmara de Pretória. O *Pretoria News* de 9 de março de 1972 noticiou a eleição com a seguinte manchete: “Reação ao *status quo*.”

Assim como os Haldeman, ele amava voar. Comprou um bimotor Cessna Golden Eagle, que usava para levar equipes de televisão até um chalé que construiu na selva. Em uma viagem em 1986, quando estava tentando vender o avião, pousou numa pista na Zâmbia, onde um empreendedor ítalo-panamenho quis comprá-lo. Eles acertaram um preço, e, em vez de um

pagamento em espécie, Errol recebeu uma parte das esmeraldas extraídas de três minas pequenas que o empreendedor tinha na Zâmbia.

À época, a Zâmbia tinha um governo negro pós-colonial, mas não havia uma burocracia em funcionamento, então a mina não fora legalizada. “Se você legalizasse, acabaria sem nada, porque os negros tomariam tudo de você”, fala Errol. Ele critica a família de Maye por ser racista, e insiste que ele próprio não é. “Não tenho nada contra os negros; eles são diferentes de mim, nada mais”, diz de modo desconexo pelo telefone.

Errol, que nunca foi dono de nenhuma parte da mina, expandiu os negócios ao importar mais esmeraldas brutas e lapidá-las em Joanesburgo. “Muita gente me procurava com produtos roubados”, afirma ele. “Em viagens ao exterior, eu vendia as esmeraldas para joalheiros. Era um negócio clandestino, porque nada disso era legal.” Depois de obter lucros de cerca de 210 mil dólares, o negócio de esmeraldas faliu nos anos 1980, quando os russos criaram em laboratório uma esmeralda artificial. Ele perdeu todos os lucros que teve com as pedras.

## ○ CASAMENTO

Errol Musk e Maye Haldeman começaram a namorar quando eram adolescentes. Desde o início, o relacionamento era cheio de drama. Errol a pediu em casamento diversas vezes, mas Maye não confiava nele. Quando descobriu que estava sendo traída, ficou tão chateada que chorou por uma semana e não conseguia comer. “Por causa do sofrimento, perdi cinco quilos”, relembra ela, e isso a ajudou a vencer um concurso de beleza local. Maye ganhou um prêmio de 150 dólares em dinheiro vivo e dez ingressos para um boliche, além de ter se tornado finalista do Miss África do Sul.

Quando se formou na universidade, Maye se mudou para a Cidade do Cabo com a finalidade de dar aulas de nutrição. Errol foi visitá-la, comprou um anel de noivado e a pediu em casamento. Ele prometeu que mudaria e seria fiel quando se casassem. Maye havia acabado de terminar um relacionamento com outro namorado infiel, engordara bastante e começara a recluir-se que nunca se casaria, de modo que aceitou o pedido.

Na noite do casamento, Errol e Maye pegaram um voo barato até a Europa para passar a lua de mel. Na França, ele comprou exemplares da *Playboy*, que era proibida na África do Sul, e se deitou na pequena cama do hotel para ver as revistas, o que irritou Maye. As brigas deles se tornaram

amargas. Quando voltaram para Pretória, ela pensou em dar fim ao casamento. No entanto, começou a sentir enjoos matinais. Ela havia engravidado na segunda noite da lua de mel, na cidade de Nice. “Estava evidente que me casar com ele tinha sido um erro”, relembra Maye, “mas àquela altura era impossível voltar atrás”.

## **A história do empresário mais controverso da atualidade contada pelo biógrafo mais importante do nosso tempo**

Durante a infância, Elon Musk sofria muito bullying. Após ter levado uma surra especialmente violenta, precisou ficar no hospital por uma semana. As cicatrizes e os ferimentos físicos, porém, não foram nada comparados à reação de seu pai, um engenheiro delirante e carismático, mas também perverso. Apesar das tentativas de Musk de banir a figura paterna — física e psicologicamente — da própria vida, sua psique sofreria os impactos por muito tempo.

Ao longo da vida, o humor de Musk alternaria entre luz e trevas, severo e brincalhão, desapegado e emotivo. Desse contexto, desenvolveu uma aura que às vezes o fazia parecer quase alienígena, como se a missão para Marte fosse apenas um sonho de voltar para casa e o desejo de construir robôs humanoides, uma busca por conexão. Ao mesmo tempo, sua infância também o fez bastante humano e vulnerável, com uma tolerância perigosamente alta para o risco, uma sede de fortes emoções e um grandioso sentido de missão de salvar o planeta e nos levar para o espaço.

No início de 2022, após a SpaceX colocar trinta e um foguetes em órbita, a Tesla vender milhões de carros e Musk se tornar o homem mais rico do planeta, ele reconheceu sua compulsão por drama: “Preciso mudar minha mentalidade e sair do modo de crise, no qual estou há pelo menos 14 anos, ou possivelmente pela maior parte da minha vida”, disse.

Ao mesmo tempo que fazia essa reflexão, porém, ele estava secretamente comprando o Twitter. Embora tenha recebido a oferta de um cargo de liderança na empresa, concluiu que não seria o suficiente, pois é da sua natureza desejar o controle total. Então, após um voo até Vancouver para encontrar a ex-esposa, a cantora Grimes, e passar a noite em claro jogando videogame, ele fez uma oferta agressiva para comprar a rede social.

No decorrer dos anos, sempre que estava em um momento sombrio, Musk se lembrava dos horrores de ser agredido na infância; agora ele tinha a chance de contra-atacar.

A biografia Elon Musk chega ao Brasil pela Intrínseca, em lançamento simultâneo com os Estados Unidos. Durante dois anos, Walter Isaacson, o biógrafo mais importante da atualidade, acompanhou de perto a rotina de Musk, participando de reuniões, caminhando ao lado dele por suas fábricas e entrevistando não apenas o biografado, mas também sua família, seus amigos, colegas de trabalho e adversários. O resultado é uma obra reveladora, repleta de histórias de triunfo e incerteza, pontuadas pela mesma questão: os demônios que impulsionam Musk são aquilo que é preciso para se chegar à inovação e ao progresso?

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/elon-musk-2/>